



EXPERIÊNCIAS NA VELHICE: vivências de mulheres em Grupos de Idosos

Carla Maria Lobato Alves¹

RESUMO: Este estudo analisa a produção de experiências na velhice a partir das vivências de quatro mulheres idosas em dois grupos de convivência para idosos localizados na cidade de São Luís-MA, Universidade da Terceira Idade (UNITI) e Gerenciamento do Envelhecimento Natural (GEN). As narrativas permitiram ressaltar os discursos institucionais destes grupos em combate às noções de decadência e inatividade atribuídas à velhice, embora esta fase da vida não possa ser tomada como uma experiência homogênea e universal, uma vez que os cursos da vida dos sujeitos revelam diversas maneiras de envelhecer.

Palavras-chave: Mulheres, Experiências, Velhice e Grupos de Idosos.

ABSTRACT: This study addresses the production of experiences in old age from the experiences of four older women living together in two groups for the elderly located in the city of São Luís, MA, University of the Third Age (UNITI) and Management of Natural Aging (GEN). The narratives highlighted the institutional discourses of these groups in combating notions of decadence and inactivity attributed to old age, although this phase of life can not be taken as a homogeneous and universal experience, since the course of life of the subjects show several ways of getting older.

Key words: Women, Experiences, and Old Age Groups for the Elderly

¹ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: carlamaria125@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que atualmente existem cerca de 23,5 milhões de pessoas² com mais de 60 anos de idade, referencial etário que as define pela categoria *idosa*³. Entretanto, o envelhecimento da população brasileira se projetou como um “problema social” (Lenoir, 1998) não só pelos dados demográficos, mas pelas ações de especialistas ou experts, ou seja, profissionais detentores de saber oficial que tornam o problema visível, digno de atenção e, conseqüentemente, o inseriram no âmbito das preocupações do momento como alvo de atenção de políticas estatais no âmbito da saúde, previdência, segurança e assistência social e etc.

Nesse sentido, no âmbito das relações sociais grupos institucionais também contribuíram para projetar a velhice na contemporaneidade ao ressignificarem sentidos e atributos conferidos ao envelhecimento. Os termos idosos e terceira idade passaram a ser amplamente utilizados nos meios de comunicação, nas conversas e, sobretudo, por algumas instituições, públicas e/ou privadas, que incentivam o desenvolvimento de ações cujo intuito é reverter conotações pejorativas atribuídas àquele termo. A intenção é atribuir à velhice um sentido positivo, de liberdade, criação de oportunidades, realizações prazerosas como passear, dançar, viajar, voltar a estudar e, principalmente, de ruptura com a concepção de que a “vida acaba” com o avançar da idade.

Nesta perspectiva, este estudo aborda as significações dos grupos de idosos da UNITI (Universidade da Terceira Idade) e o GEN (Gerenciamento do Envelhecimento Natural), ambos localizados na cidade de São Luís - Maranhão, nas vivências cotidianas de quatro mulheres idosas, Joana, Rosário, Francisca e Rosa⁴.

² Dados da Política Nacional por Amostragem de Domicílios/2011 (PNAD), divulgados em setembro de 2012.

³ Na década de 1960, o termo “*idoso*” foi trazido da França para o Brasil pelo Gerontólogo Marcelo Salgado com a finalidade de substituir o termo “*velho*” dos documentos oficiais em referência aos sujeitos com idade superior a 60 anos (MASCARO, 2004), vide a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 04 de janeiro de 1994) e o Estatuto do Idoso (Lei Nº 10.741 de 01 de outubro de 2003).

⁴ Todos os nomes apresentados nos trechos de relatos, a seguir, são fictícios.



2 PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E VELHICE

2.1 Os grupos de idosos: UNITI e GEN

Paralelamente à adoção de categorias como idoso e terceira idade, começaram a surgir, na década de 1970, programas voltados para a população de mais idade na sociedade brasileira, tais como as “universidades para a terceira idade”, “associações de idosos” e “grupos de convivência para idosos/terceira idade”. No Brasil, segundo Guita Debert (2004), a primeira experiência de universidade para a terceira idade foi trilhada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp), em 1973 e os primeiros grupos de convivência para idosos foram criados pelo Serviço Social do Comércio (SESC), em 1960, e pela Legião Brasileira de Assistência Social (LBA), em 1977.

Estes grupos institucionais direcionaram ações com o objetivo de demonstrar que o envelhecimento pode ser vivido de maneira inovadora, gratificante e, principalmente, revendo estereótipos e preconceitos atribuídos à velhice. Os estudos de Alda Britto da Motta (1997) e Benedita Cabral (1997) ainda acrescentam que celebram o avanço da idade - celebração esta que não é exclusiva destes espaços, percebida, também, em algumas campanhas publicitárias, programas de televisão, novelas e jornais⁵ – bem como a chamada terceira idade com a “imagem positiva do envelhecimento” (Debert, 2004).

A UNITI está situada nas instalações da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacanga, no prédio da Biblioteca Central. Criada em 1989, em seu discurso oficial é uma instituição voltada para a realidade maranhense e objetiva o resgate da cidadania da população denominada idosa com a inserção na sociedade através de atividades que possibilitem fortalecer a sua participação social e política.

Através de processo seletivo oferta 150 vagas, mas nem todas preenchidas, e as atividades iniciam conforme o calendário acadêmico da instituição. A partir de 2010, as turmas foram divididas entre alunos *egressos* (que já participaram das disciplinas/atividades no ano anterior) e *iniciantes*. Dentre algumas das disciplinas

⁵ A valorização do “envelhecimento ativo” (Debert, 2004) tem sido exibida em algumas reportagens especiais. Entre elas: Os 60 anos; exibida em 19/07/2004 no Jornal Nacional, Novos Velhos; exibida no Fantástico em 12/12/2004 e Tempo – O Dono da vida; exibida no Fantástico em 12/11/2006.



oferecidas têm-se Noções Básicas de Gerontologia Social, Concentração e Memória, Terapia Ocupacional, Nutrição, Lazer na Terceira Idade e algumas das oficinas são Artesanato, Fitoterapia, Informática.

O GEN está localizado nas dependências do Hospital Estadual Dr. Carlos Macieira, no bairro Renascença II, nesta cidade. Criado em 2001, em seu discurso oficial é um programa ambulatorial voltado para o atendimento das pessoas denominadas idosas. Uma equipe interdisciplinar oferece atendimento médico-ambulatorial em diversas especialidades e orienta quanto ao processo do envelhecimento em suas alterações e principais doenças, para que conheçam essa fase da existência humana, superando os obstáculos a fim de obter longevidade com qualidade.

Cerca de 700 funcionários públicos aposentados do Estado do Maranhão, e/ou seus dependentes são atendidos mensalmente (neste caso, exclusivamente o (a) cônjuge, com idade superior a 60 anos). Conta com reuniões semanais localizadas na sede do Programa de Apoio ao Idoso (PAI), que desenvolvem oficinas de Tai Chi Chuan, Dança, Artesanato, Pintura, Ginástica, Hidroginástica e Natação e etc.

2.2 Mulheres idosas e a participação nos grupos de idosos: (re)construindo modos de ser, pensar e agir.

Joana, Rosário, Francisca e Rosa possuem, atualmente, entre 63 e 77 anos, casaram somente uma vez, tiveram filhos, netos e uma delas, bisnetos. Francisca reside somente com o marido, Joana reside com o marido e o filho mais novo. Rosa e Rosário são viúvas, mas enquanto a primeira reside sozinha, a segunda reside com um de seus filhos, a nora e uma neta.

Novas configurações nos arranjos familiares⁶ e aposentadoria, segundo Guita Debert (2004) e Kátia Bernardo (2006), são alguns dos fatores que impulsionam a procura por grupos institucionalizados para pessoas idosas, mas não os únicos, pois não é para todos e todas que o envelhecimento promove efeitos imediatos de isolamento, exclusão

⁶ Segundo Guita Debert (2004), Clarice Peixoto e Kátia Bernardo (2006), os arranjos familiares podem aumentar (situações nas quais os pais residem juntamente com filhos, noras, netos, netas e até bisnetos) e/ou diminuir (por situações de viuvez ou pela saída dos filhos, já crescidos, da casa dos pais). Nessas circunstâncias é importante considerar o perfil sócio-econômico da família, uma vez que benefícios e/ou aposentadorias de idosos/idosas brasileiros constituem principal, às vezes até única, fonte de renda familiar.



das relações sociais, espaço público, mundo produtivo e político. Rosa nos relata a respeito:

Temos colegas que no começo queriam desistir, mas dado o apoio da gente, ajudando e tudo, ninguém mais quis deixar de ir. Agora muitas tá lá só o nome, nunca foram, nem no primeiro dia. (...) Inclusive nós não vamos ficar só com um ano, algumas estão lá há seis anos. A turma de egressos tem gente com seis anos. Porque encontrou lá o apoio que em outro lugar não tem. A família já tá crescida, ou às vezes tem família pequena ...não tem mais aquele apoio. E estando lá, tá tudo seguro. (...) Nossa turma tem contador, tem assistente social, tem professora de francês. Nós estamos nos organizando pra no outro semestre ela dar umas aulas pra gente. E tem gente formada em várias áreas. Tem bibliotecária e várias pessoas com curso superior em, por exemplo, Teologia, Serviço Social, Direito. Estamos lá, todo mundo fazendo parte da mesma turma. A gente se ajuda, todo mundo se entende. É uma turma assim coesa (**Rosa - tem 77 anos, mulher negra, reside em São Luís há 35 anos, atualmente no bairro Bequimão**).

A inserção no GEN e na UNITI tornou as vidas destas mulheres mais agitada e cheia de compromissos. Pude perceber isto nas suas narrativas, como também nos momentos em que telefonava para elas, na tentativa de marcar ou confirmar os próximos encontros, e precisava remarcá-los devido aos passeios e outras atividades que seriam realizados pelos grupos.

Joana, Rosário, Francisca e Rosa começaram a participar, timidamente, das atividades frequentando as primeiras reuniões e aulas com o intuito de conhecer, “experimental” e acabaram gostando, decidindo continuar. Algumas já conheciam os grupos, possuíam interesse de participar, mas sempre perdiam o período da matrícula. Outras tomaram conhecimento através de conhecidos e resolveram visitar. Assim, aos poucos, foram chegando àqueles espaços levando consigo uma irmã ou amiga e logo foram construindo novas vivências que, em seus relatos, parecem lhes proporcionar experiências bastante satisfatórias, mudanças de situações de apatia, esmorecimento, desânimo para vivacidade, energia e motivação, como destacado a seguir.

Eu cheguei a ter um início de depressão, mas não foi nada muito sério. Sempre gostei de fazer minhas caminhadinhas e faço pela manhã. Aí depois eu cheguei na UNITI, quando eu descobri a UNITI só fez é melhorar, só melhorar. Aí teve passeios, inclusive ontem teve um passeio no SESC. Eu não fui, eu perdi, mas eu fui em outro anterior no SESC (**Joana - 63 anos, é branca, reside em São Luís há 38 anos, atualmente no bairro São Francisco**).

Minha irmã já tava se entregando, no fundo de um apartamento, que não descia nem pra ver quem passava por lá. Eu disse pra minha sobrinha, que é de



criação, casada com meu filho, que era pra gente ir na faculdade, na UNITI, logo amanhã pra fazer a matrícula das duas. Ela ainda achou que minha irmã não ia, mas eu incentivei mesmo assim. A gente fez a inscrição e quando as aulas começaram, ela foi ainda umas três vezes arrastada, mas hoje não deixa de ir. Às vezes nós nem vamos pra aula, vamos é bater perna pela Rua Grande, mas só pra ela sair de casa. E ainda ensinei pra ela dizer que nós ia fazer uns cursinhos lá nas férias, que é pra gente sair, ir pra cinema, oras (risos). (...) A Vera também se aposentou, mas tava se acabando. No primeiro dia ela foi pra levar os retratos dela e ela ficou assim pelos cantos. Hoje em dia quero que você veja! A Vera já aumentou até 2 kg! Ela trabalhava na Polícia Federal, aí ficou socada dentro de casa depois que se aposentou. Ela chega lá toda arrumadinha, e eu incentivo. Eu sou danada! Eu sou danada pra incentivar, eu não paro não! **(Rosário - 72 anos, mulher negra, reside em São Luís há 66 anos, atualmente no bairro Vila Palmeira)**.

Aqui a UNITI tá sendo muito bom! Em fevereiro [2010] eu vim, quando começaram as..as, as..atividades não..as inscrições, aí eu vim. Até por uma fase só de experiência. No dia que eu vim consegui a vaga, me inscrevi e fiz logo tudo (risos). Tô gostando muito, tá sendo muito positivo. Já fizemos novas amizades e dois passeios maravilhosos, as oficinas eu estou gostando muito. E é certo que eu estou muito feliz com essa atividade aqui **(Francisca - 63 anos, mulher branca, reside em São Luís há 38 anos, atualmente no bairro COHAB)**.

Estas mulheres destacaram que construção de amizades, auto-estima e vitalidade foram outras mudanças significativas. A participação nas oficinas, aulas e passeios, proporcionados pela UNITI e GEN, também suscitou motivação, satisfação e, inclusive, melhora de alguns problemas de saúde.

Joana e Francisca aproveitam o espaço da narrativa para destacar que a participação nos grupos lhes possibilitou “pensar diferente” a respeito das atenções direcionadas, quase que exclusivas, ao papel de esposa, mãe e dona de casa. As duas são casadas e enfatizam esforços e sacrifícios empreendidos para conciliar o desempenho de atividades domésticas com os horários das aulas, evitando ao máximo, as faltas.

Hum, tô gostando demais da UNITI! Pergunte pra esse aí, pergunte pra esse aí (esposo)! Eu larguei tudo aqui dentro de casa pra ir pra UNITI (risos). Depois da UNITI eu renasci. Antes de eu entrar na UNITI eu era uma pessoa que eu gostava de brincar, mas eu era mais reservada, de ficar dentro de casa, não tinha aquele ânimo. Eu só vivia sentindo uma coisa, sentindo outra. Sempre eu sentia algo, nem que fosse uma dor de cabeça e hoje não, graças a Deus! Eu entrei na UNITI e se Deus quiser eu vou continuar na UNITI porque eu melhorei muito! E é aquela disposição, porque no dia que eu tenho que ir de manhã eu levanto às 05:00 horas, deixo o cafezinho dele aí pronto e me mando. Às 06:30 horas eu já tô na parada esperando o ônibus. Não é porque começa às 08:00 horas, mas é porque os ônibus que vem cheio demais. Quando não é de manhã, eu limpo essa casa, lavo roupa, faço o almoço e boto a comida dele aí. Tomo banho, se dá pra comer, eu como, senão dá, eu levo um dinheirinho pra merendar lá na senhora



que vende lanche, mas quando dá às 12:40 horas eu tô na parada pronta pra ir (Francisca)

A UNITI me fez mudar em muitos aspectos, principalmente em casa. Antes eu era muito exigente com negócio de limpeza. Dia de sábado, tinha dias que eu ia fazer aquela faxina geral na casa. Às vezes eu ia almoçar 3 horas, 4 horas da tarde. Quer dizer, hoje eu já penso diferente. “Ah, a panela tá aí. Deu pra limpar o necessário?” “Vou limpar o necessário, mas quando chega hora de almoçar eu paro e vou almoçar”. Se der pra continuar depois, eu continuo. Se não der, eu deixo. Antes eu não pensava assim! A casa tinha que ser impecável, muito bem limpa. Não é que hoje eu não limpe, mas só que não é mais assim como antes. Quer dizer, eu botava em primeiro lugar filho, marido e a casa. Às vezes eu deixava de cuidar de mim. Deixava até de pensar em mim pra pensar neles. Hoje eu já penso completamente diferente, mas eu aprendi assim na UNITI. Nós somos incentivados lá. As professoras nos dão muita informação nessa parte. E não só os professores, né? Os colegas vem e, com a experiência de cada um, nos ajuda. Então tá sendo muito bom, muito bom (Joana).

A participação nos grupos delinea grande parte de suas narrativas adotando a concepção de que ser velho não é ser passivo ou deprimido, pois o GEN e a UNITI trabalham na perspectiva de uma construção discursiva, segundo a qual o processo de envelhecimento é uma fase que determinada faixa etária deve aproveitar para exercer atividades prazerosas, como passear, viajar, dançar, viver de forma ativa. Assim, combatem e desaprovam estereótipos que numa anterior concepção sobre a velhice estavam associados ao descanso, solidão, decrepitude e inatividade.

Hoje em dia a vida dos idosos é mais liberal. Tem mais oportunidade. Hoje em dia as idosas se cuidam mais. Naquele tempo ficava só em casa, era só com roupa de velho mesmo. Minha filha me dá no dia das mães e no natal um presente. Ela vai comprar com o marido dela e ele compra dois, um pra mim e um pra mãe dele. (...) A mãe dele é daquelas que não se cuida e ele compra pra mim igual ao da mãe dele. Quando chega aqui eu digo: “Vocês pensam que eu tô velha? Eu vou trocar! (risos). Tua mãe gosta, mas eu não. Eu vou trocar!” (Rosário).

Pra mim tá sendo muito bom as aulas da UNITI porque eu vejo a minha mãe. Ela começou a envelhecer com o problema da saúde...da diabetes, e ela morava na época no interior. É de muitos anos a diabetes dela. Ela levou aquilo que tinha como o fim pra ela. Ela se via como aquela pessoa que não podia mais fazer nada, que já ia morrer ali. Então...é muito difícil convencer...ela, mamãe. É muito difícil convencer que ela tem que fazer caminhada, que ela tem que se exercitar. Que ela pode fazer algum movimento. E até hoje nós nunca conseguimos. Tanto que pra sair com ela sempre tem que ter alguém; ou eu ou minha irmã. Ou vai meu marido, ou vai meu cunhado, mas sempre tem que ir alguém pra levar, que ela já não anda bem de ônibus. Sempre tem que ir alguém...ou então meu filho vai. Pra botar ela no carro é difícil, pra tirar também. Ontem eu tava olhando assim o jeito dela...ela tá com 85 anos e parece ter mais (Joana).

Apesar das significativas modificações ressaltadas, penso que as vivências de Joana, Rosário, Francisca e Rosa não podem ser idênticas às de suas mães/pais,



tias/tios, irmãs/irmãos, filhas/filhos, vizinhas/vizinhos e outras pessoas conhecidas, como comparam, pois a conjuntura na qual conviveram/convivem são diferentes no tempo e no espaço. Guita Debert (2004) e Eneida Haddad (1993) também acrescentam que marcadores sociais como inserção no gênero, classe social, diferenças culturais, religiosas e questões de saúde influenciam tanto na procura e participação daqueles grupos quanto em assumir representações contemporâneas do que é ser idoso que, em geral, preconiza a adoção de modos “ativos” de ser/pensar/agir.

3 CONCLUSÃO

Ao construir uma imagem positiva, de motivação e vitalidade, percebo que as narrativas de Rosa, Joana, Francisca e Rosário são perpassadas em grande parte pelas construções discursivas daqueles grupos institucionais, UNITI e GEN, que combatem preconceitos e discriminações associados à velhice e buscam, sobretudo, agregar sentidos de positividade e possibilidades de melhores oportunidades para esta etapa da vida.

Desse modo, Rosa, Francisca, Joana e Rosário, em suas narrativas também destacam sua participação ativa em passeios, viagens, aulas e oficinas freqüentadas e combatem as noções de inatividade, desânimo e solidão à medida que se inseriram em “grupos de idosos”. Entretanto, ao tomar estas referências, destaco que heterogêneas e variadas podem ser as experiências de um grupo que é definido através de categorias homogeneizadoras como velhice, velhos, idosos, terceira idade, pois a velhice não deve ser tomada como um dado biológico, cristalizada como absoluta por meio das variadas ideias que permeiam no mundo social. Deve-se tomá-la como uma categoria analítica, social e historicamente contextualizada, incluindo aspectos biológicos, fisiológicos, culturais, psicológicos, religiosos, raça/etnia, gênero, classe social e etc.



REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Kátia Jane Chaves. **Novos Laços Familiares**: o fenômeno da coabitação de gerações e a violência contra a pessoa idosa. In: Fazendo Gênero 7, 2006, Santa Catarina. Anais do Fazendo Gênero 7, UFSC, 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/K/Katia_Jane_Bernardo_34.pdf. Acesso em: 28 nov. 2006.
- BRITO DA MOTA, ALDA. **PALAVRAS E CONVIVÊNCIA**: Idosos Hoje. Revista Estudos Feministas. Florianópolis/SC, Ano 5, n. 1, pp. 129-139, 1997.
- CABRAL, BENEDITA Edina da Silva. **A Vida Começa Todo Dia**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis/SC, Ano 5, n. 1, pp. 129-139, 1997.
- DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**: socialização e processos do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A Ideologia da Velhice**. São Paulo: Cortez, 1993.
- LENOIR, Remi. Objeto Sociológico e Problema Social. IN: CHAMPAGNE, Patrick et al. **Iniciação à Prática Sociológica**. São Paulo: Vozes, 1998. pp. 59-106
- MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é Velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).
- PEIXOTO, Clarice. Envelhecimento e Novas Tecnologias. In: PEIXOTO, Clarice, CLAVAIROLLE, Françoise. **Envelhecimento, Políticas Sociais e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- SENADO FEDERAL (Org.). **Política Nacional do Idoso**. (Decreto-Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994). Brasília, DF, 1994.
- _____. **Estatuto do Idoso**. (Lei 10.741, de 03 de outubro de 2003). Brasília, DF, 2003.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Política Nacional por Amostragem de Domicílio - 2011**. Rio de Janeiro, RJ, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/brasil_dEFAULTpdf.shtm Acesso: 04 out. 2012.